

As diferentes linguagens na formação do “leitor criativo”

Diana Carvalho (EM Argentina)

Eixo temático: Fazendo escola com múltiplas linguagens

Resumo

Este texto discursa sobre as diferentes linguagens e tipos de textos oferecidos aos educandos, e como essas diferenças compõem a pluralidade de práticas sociais de leitura, que acompanham o processo de construção do conhecimento de um grupo, onde o educador preocupa-se muito mais com a preservação da memória dos grupos sociais com os quais interage, constituindo-se, antes de tudo, em leitor e autor da sua prática pedagógica engajada no contexto sócio-cultural onde está inserido.

Introdução

Segundo o teórico russo Lev Vigotsky, toda atividade criadora é mediada pelo entorno histórico, social e cultural. O indivíduo, para ele, é capaz de criar a partir dos/nos encontros que estabelece com os outros sujeitos, encontros mediatizados pelas possibilidades e limites das relações sociais em cada momento histórico. “É criativa uma mente que trabalha, que sempre faz perguntas, que descobre problemas onde os outros encontram respostas satisfatórias”.

As pesquisas que se desenvolveram no século XX, no âmbito da leitura e da escrita, indicam mudança no papel da escola e da ação docente frente as diversas formas de linguagem. Sabe-se que, muito antes de lerem a palavra escrita, os alunos já mantêm uma relação ativa com vários objetos portadores de texto, tais como ler rótulos, propagandas e marcas.

As atividades de leitura e escrita adquirem significados diferentes entre educandos com experiências culturais diversas. Portanto, ler e escrever, como práticas sociais, estão condicionadas ao repertório dos leitores/escritores, e lê melhor quem lê entre leitores, pois este possui mais intimidade com os diferentes tipos de texto; sobre a maneira de ler, pois entre as histórias/textos que ouviu, muitas foram lidas; já apreendeu o valor da palavra escrita. Em consequência, a maneira como famílias se relacionam com a língua escrita pode condicionar a relação que as crianças terão com os textos.

Compreender esta situação, em toda a sua complexidade, é condição ideal para uma atuação docente responsável e comprometida. Através dela, a relação e a comunicação e o conhecimento tornam-se motivo de cooperação entre educandos e com o educador e, todos juntos, podem organizar uma comunidade de compreensão próxima. Nela, o educador deixa de ser um transmissor de informações e passa a disponibilizar meios e modos de participação, propõe e orienta projetos de trabalho, acompanha e estimula os grupos e oportuniza-lhes diferentes formas de interação e prática cultural.

A tarefa do educador visionário é aumentar o repertório dos educandos, facilitar a aprendizagem, gerar condições e ambiente para o estabelecimento de articulação entre informações e conexões múltiplas, análises e sínteses. Nesse sentido, desenvolvem-se responsabilidade compartilhada entre educador e educando, em que o primeiro atua como guia, apoio, mediador de cultura e o outro como sujeito ativo da aprendizagem.

Em consequência, a sala de aula torna-se lugar de pensar, de reflexão compartilhada, de participação e diálogo. Constitui-se em ambiente que gera e possibilita múltiplas situações de leitura e escrita como atividades relevantes e comprometidas. O educador parte das experiências e conhecimentos dos alunos e oferece atividades significativas, favorecedoras da compreensão do que está sendo feito através do estabelecimento de relações entre a escola e o meio social.

Ao atribuir novo significado as diversas linguagens, o educador favorece às jovens gerações possibilidades efetivas de compreensão e transformação da sua realidade social e pessoal. Torna-se então um centro irradiador de pensamentos, ocupa o ponto mediador de um processo compreensivo que orienta os alunos frente a uma sociedade plural, de diferenças, em permanente mudança.

A experiência escolar deve contribuir para que o educando saiba se expressar de formas diferentes, em linguagens diferentes. O educador deve socializar os desejos e somar esforços para uma criação coletiva. Assim, cada um, do seu jeito, vai emergir do grupo. O acesso aos diferentes textos estimula e leva à produção de conhecimento, onde o educando é capaz de, oralmente ou por escrito, verbalizar seu prazer de ler e/ou suas aprendizagens a partir do lido.

Nesse contexto, a leitura de fragmentos descontextualizados será banida, a adaptação de textos a suportes didáticos, será progressivamente reduzida. Haverá mais textos dos alunos, de jornais e revistas atuais, da literatura contemporânea e das artes em geral, apresentados através da palavra escrita ou de outros su-

portes portadores de sentido.

Pensando uma atividade

Baseado nos conceitos de linguagem denotativa e conotativa, visualizar outras possibilidades com poemas tirados de livros e/ou textos de diversos tipos de mídia.

Exemplo de atividade: explorando o conceito de **casa**, utilizar o livro da autora Roseana Murray (Casas), ler os poemas em grupos e trocar opiniões sobre a linguagem conotativa dos mesmos, levando os alunos a produzirem seus próprios poemas.

A partir do livro e do título sugestivo, o primeiro aspecto a constatar é o de que a turma atendida desde o início do ano pela UERJ, já consegue refletir, questionar e produzir trabalhos bem criativos e interativos.

As duplas leram os poemas, debateram entre si e depois, no grupão, ampliaram a visão da autora e se colocaram frente as suas próprias idéias. A proposta a seguir foi de que as mesmas escrevessem sobre uma casa imaginada por elas e suas características.

Um segundo aspecto a considerar, é que frente a situações de “provocação”, os alunos utilizam-se de todos conhecimentos já adquiridos e amplificam de forma significativa e estimulante os resultados de suas ações criativas.

Inclusive uma dupla fez a paródia da música: “Era uma casa muito engraçada”. O resultado foi muito bom!

Referências

CHARTIER, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado, 1999.

EVANGELISTA, Aracy; BRANDÃO, Heliana; MACHADO, M. Zélia. A escolarização da leitura literária. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

PEREZ, Francisco & GARCIA, Joaquin. Ensinar ou aprender a ler e a escrever? Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

PREFEITURA DO RIO, NÓS DA ESCOLA, Linguagens, criatividade e educação. Revista nº 62, 2008.